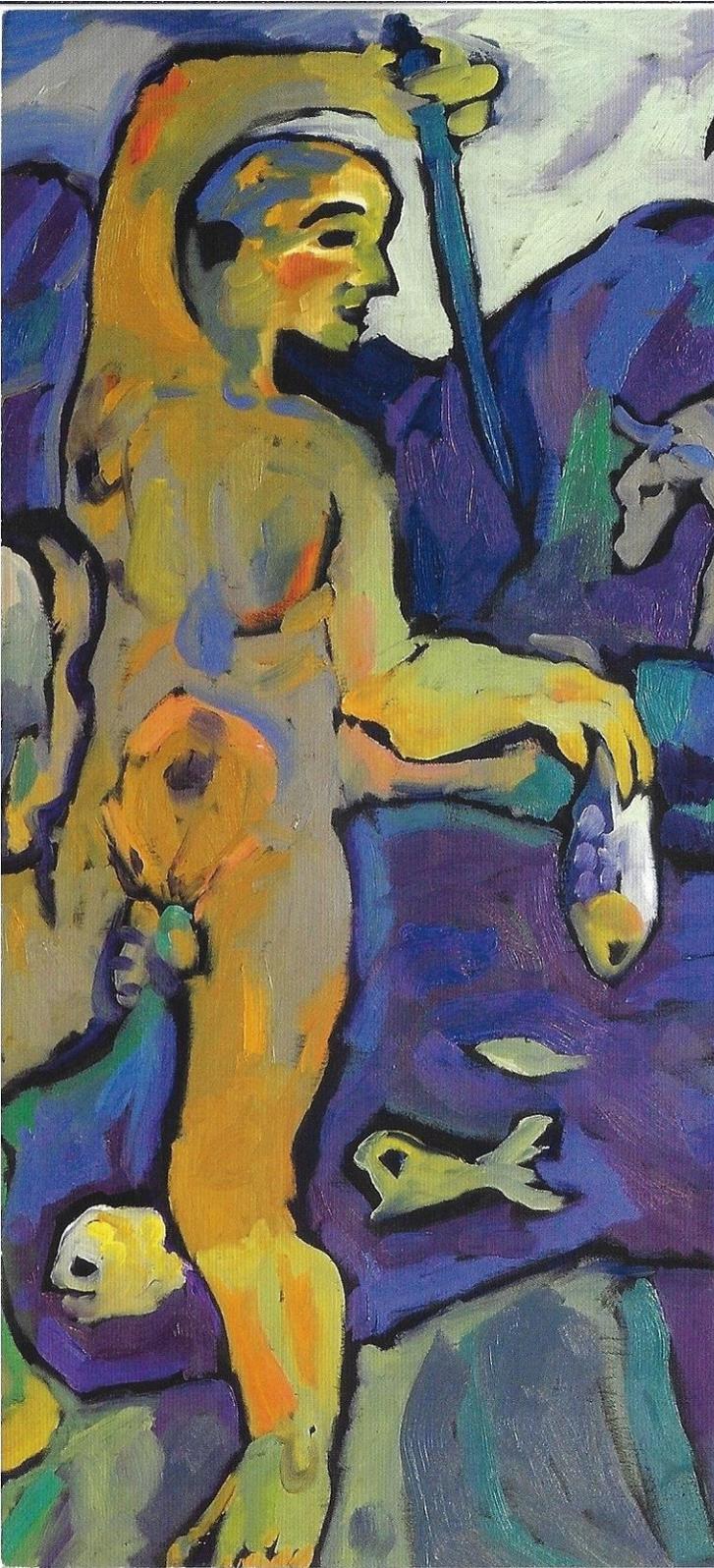




transfigurações do real
BEATRIZ BALEN SUSIN

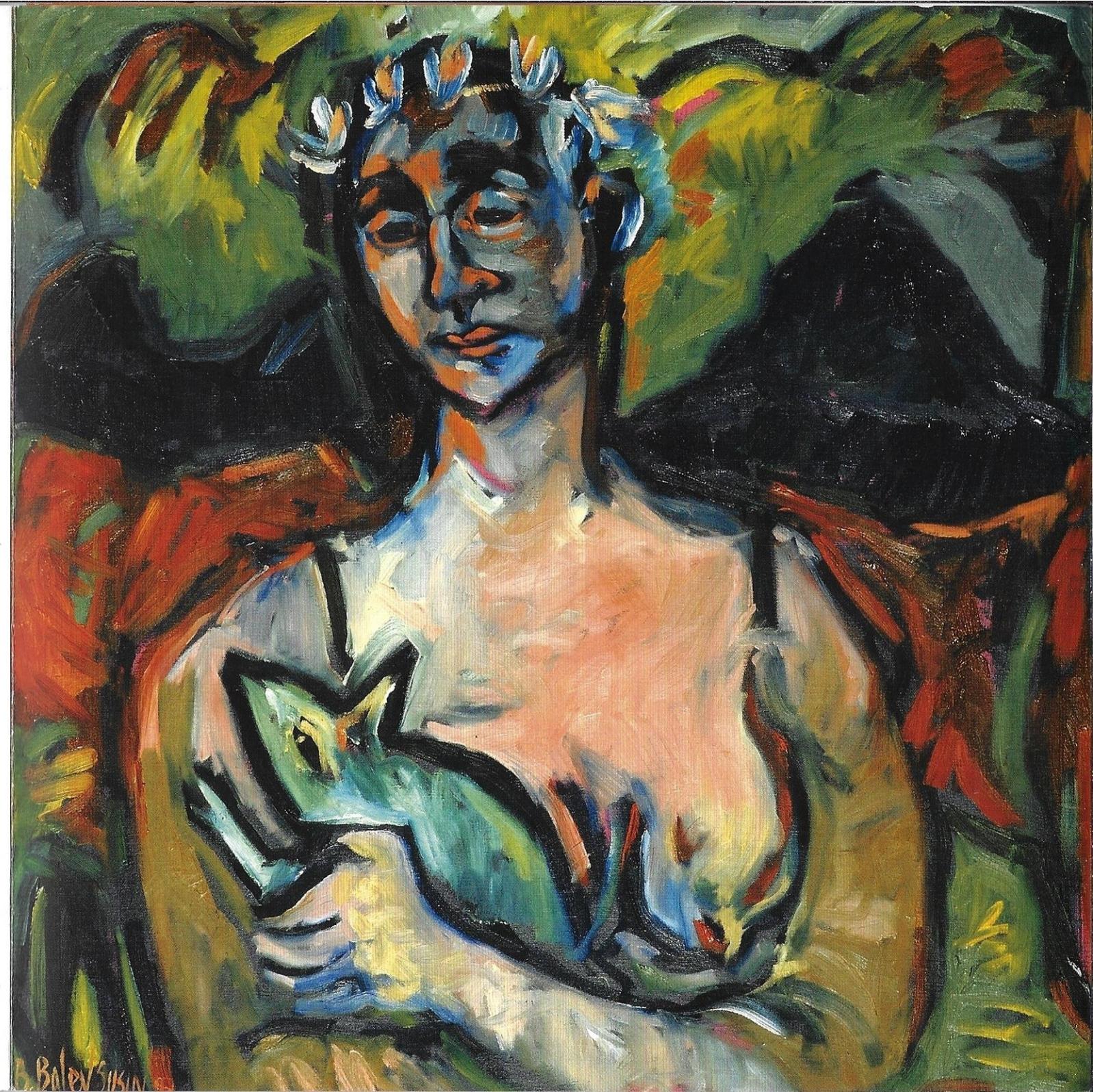


[...] Beatriz não cria para o aquietamento. Ao contrário, somos instigados o tempo todo a uma espécie de revolta silenciosa contra a morte da poesia. Essa mesma poesia que já não encontramos nas dobras de uma existência contaminada pela ação. Se investigarmos com cuidado, descobriremos um certo desconforto em relação a tudo que pulsa. Sutil, no entanto. De insurgências que nascem não do grito, mas da tentativa de fazer brotar novamente o discreto espetáculo da verdade e da beleza. Cada traço ou intenção tem o vigor de uma catedral. E é exatamente por esse aspecto, que transcende a interpretação do ordinário, que se pode continuar buscando quase infinitamente o que lá se vai encontrar. Um mundo que reordena a realidade, fazendo incidir no corpo e na alma de alguns passantes uma proissão de seres que pertencem à sua mitologia pessoal. E aqui, talvez, esteja um dos maiores méritos de sua pintura de fisionomia universal: a capacidade de diluir a fronteira que nos separa do sonho. Encontramos figuras que, num primeiro momento, podem nos causar estranhamento. Mas, a um olhar mais atento, percebemos que elas pertencem ao inconsciente de todos nós. Personagens principais desse grande passeio subjetivo que chamamos de vida e de morte.

Gilmar Marcílio
Filósofo e escritor

[...] Beatriz tem grande respeito pela composição. Ela começa imaginando o conjunto e os detalhes ao mesmo tempo. Inicia o trabalho com as cores escuras que lhe fornecem a estrutura interna do quadro; depois, avança marcando os contrastes dos espaços claros. Nunca usa as cores de modo isolado, mas opera a partir da dialética entre as mesmas, formando jogos contrários e contraditórios, e, desses jogos, vão nascendo simetrias ou assimetrias, os equilíbrios necessários para efetivar a unidade e a totalidade do quadro. E embora sua paleta esteja mergulhada em tons próximos dos escuros e, por isso, tenha elementos dramáticos, ela é também marcada por um voto de confiança no humano. Assim, a força da produção artística provém do próprio enigma da arte. [...] Ao seu modo, Beatriz funda a utopia do ser humano. Ela aceita a angústia, a culpa, a vida, a morte, a violência, no seu nível mais radical, como próprios da condição humana. E busca, por meio de sua arte, porções secretas do humano, desse humano às vezes cercado de anjos e demônios, desse humano finito, solitário e, ao mesmo tempo, sereno e esperançoso.

Jayme Paviani
Professor de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul, poeta e escritor





Da série *Inferno*, 2007
Água-forte e água-tinta, 34 x 39,5cm

[...] Miserere! Nas gravuras de Beatriz, é justamente o olhar de piedade, de misericórdia, a sustentar a coragem de ir ao fundo, ao avesso, à "antirrealidade", na esperança do resgate. Nas suas gravuras, pode-se perceber o grito de piedade na postura de aceitação resignada, no reconhecimento da feiúra do mal, primeiro passo de distância dos olhos a se levantarem para o caminho de retorno ao encontro da grande piedade – "[...] amor que move o sol e as outras estrelas" – como o olhar do filho pródigo sob o olhar do seu pai misericordioso. A coragem do avesso é, assim, sob o signo da misericórdia, redentora, como a descida de Jesus aos infernos.

Luiz Carlos Susin
Filósofo, teólogo e escritor

Beatriz Balen Susin se insere na tradição pictórica dos grandes coloristas. A cor é, inegavelmente, o elemento mais marcante na sua obra. E jamais funciona como "acessório", no sentido de "colorir" uma forma; a cor é essência; é ela que estrutura e organiza suas criações, a ponto de a artista se inquietar profundamente quando não encontra ou ainda desconhece a cor primordial de determinada obra. Sua poética é marcada por prazer? Inegavelmente. Entretanto, mais que isso, é unida pela necessidade. Diariamente, como que cumprindo um ritual, a artista volta-se às superfícies das telas e papéis, aos vários pigmentos e tintas, dando forma às figuras que há tempos povoam seu imaginário, insuflando-lhes vida por meio de vigorosas cores.

Fruto da observação atenta do cotidiano e da fantasia, suas criaturas escancaram a incrível diversidade na aparente unidade, sugerem a solidão em meio à multidão, ao mesmo tempo em que atestam a crença e o interesse de Beatriz pelo humano.

Como uma antologia, a exposição apresenta alguns trabalhos marcantes da trajetória de Beatriz Balen Susin. Apresenta, ainda, a série inédita de gravuras em metal intitulada Miserere, produzida a partir da leitura atenta do Inferno de Dante Alighieri. Trata-se de uma rara oportunidade de observar o vigor e a maturidade de uma artista que há mais de quatro décadas se dedica ao ofício espartano e apaixonado do desenho e da pintura.

Paula Ramos
Curadora

Beatriz Balen Susin (Caxias do Sul, RS, 1946) iniciou sua trajetória em Passo Fundo (RS), formando-se em Música (1962) e Artes Plásticas (1967) pela Universidade de Passo Fundo (UPF). No início da década de 1970, transfere-se para Caxias do Sul, cidade na qual desenvolve parte expressiva de sua obra. Desde 2004, vive e trabalha em Porto Alegre.

Durante vários anos, atuou como professora junto ao Departamento de Artes da Universidade de Caxias do Sul (UCS), no Atelier Livre da instituição e no NAVI, Núcleo de Artes Visuais. Em seu currículo, traz mais de 40 exposições individuais, no Brasil e no exterior.

Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul

Galeria Xico Stockinger | Casa de Cultura Mario Quintana
Porto Alegre, Rio Grande do Sul
10 de setembro a 09 de outubro de 2011
55 51 32215900 / www.macrs.blogspot.com

Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

Passo Fundo, Rio Grande do Sul
17 de outubro a 25 de novembro de 2011

Apoio Institucional



Secretaria de Cultura



Apoio



Patrocínio



Financiamento

